

opinião. Porque disso, creio, há exemplos numerosos no passado. No tempo atual, a perseguição a opinião e prática em todas as partes do mundo, com a exceção da Europa Ocidental, e a consequência é que o mundo está dividido em duas metades, que não sabem se entender e que só consideram possíveis as relações hostis.

Há naturalmente a ser feito um argumento para mostrar que a instrução é oposta à verdade.

Instruir, isto é, edificar com argumentos, especiosos garantidos pela polícia, tende a preservar uma sociedade estabilizada. A instrução desse tipo combate a anarquia e garante as rendas do rico. Se bem sucedida, impede a revolução e assegura a reis e presidentes uma boa acolhida pelas multidões entusiasmadas onde quer que se mostrem a seus súditos. Quando, por outro lado, a simples razão pode fazer parte da especulação política, o resultado pode ser uma tal enxurrada de paixão anárquica que qualquer governo ordêiro torne-se impossível. É este o medo que inspira os conservadores e os autoritários. Ninguém pode negar que os filósofos do século XVIII, na França, prepararam o caminho da guilhotina. Ninguém pode negar que os filósofos da Rússia, no século XIX, solaparam a reverência tradicional pelo czar. Ninguém pode negar que, sob a influência ocidental, os filósofos chineses enfraqueceram a autoridade de Confúcio.

Não chegarei a sustentar que pensar nunca tenha tido maus efeitos, mas onde teve tais efeitos foi porque suas lições foram aprendidas apenas pelo medo. O professor que prega doutrinas subversivas sobre uma autoridade existente, não defende, se for um liberal, o estabelecimento de uma nova autoridade mais frívola do que a outra. Ele defende certos limites ao exercício da autoridade, e deseja que esses limites sejam observados não apenas quando a autoridade sustente um credo com o qual ele discorde mas também quando ela sustente um credo com o qual ele concorde inteiramente. Quanto a mim, acredito na democracia, mas não gosto de um regime que faz compulsória a crença na democracia.

A favor da liberdade de discussão há vários argumentos. O primeiro argumento é que ela tende a criar a verdadeira fé, e que a verdadeira fé, como regra, é mais socialmente útil do que a falsa fé. O segundo argumento é que, quando a liberdade de discussão é refeeda, é refeeda por aqueles que mantêm o poder, e que certamente a refeedarão em seu

próprio interesse. O resultado, quase inevitavelmente, é suscitar a injustiça e a opressão. Há finalmente o argumento de que a injustiça e a opressão impostas por uma casta dominante levam, mais cedo ou mais tarde, à revolução violenta, e que a revolução violenta tende a cair na anarquia ou em nova tirania pior do que a que foi derrubada.

Houve nações e épocas em que foi bem sucedida uma ortodoxia cordial, sem perseguições ostensivas, com o estabelecimento de uma quase indiscutível autoridade intelectual. O supremo exemplo disto é a China tradicional. Toda a sabedoria estava contida nos livros de Confúcio. Uma educação considerável era necessária a fim de entender esses livros. Controlados pelo governo os homens que possuíam essa educação, o resultado foi um sistema civilizado, em um sentido largo, estável durante cerca de 2.000 anos.

Não havia, entretanto, nada nos livros de Confúcio sobre navios de guerra ou artilharia ou explosivos; por isso, logo que a China entrou em conflito com o ocidente, toda a síntese de Confúcio foi tida como inadequada. Um destino semelhante deve acontecer a qualquer cultura, mesmo que seja excelente em si mesma. Há cerca de cinquenta anos (a coisa é muito diferente) houve uma síntese, inteiramente chinesa, implantada pelos que fizeram "Greats" em Oxford. Ensinaram as filosofias de Platão e Aristóteles e de Kant e Hegel. As outras filosofias passaram em ignoradas por serem "grosseiras".

Resultou disso uma considerável recompensa estética mas que acentua não ser adaptada ao mundo moderno. Há na América aqueles que alimentam esperança de difundir uma atmosfera culta, através das universidades americanas, selecionando cem grandes livros limitando a eles a educação. Este também é um ideal estático. Os melhores livros do passado, por mais que tratem da ciência, contêm menos conhecimentos úteis do que livros bastante inferiores de nosso tempo. Aquêles que leram apenas os cem melhores livros ignorarão muitas coisas que deveriam saber. Além disso, interesses ocultos rapidamente se reunirão em torno dos cem melhores livros. Os professores saberão como falar dos cem livros sagrados, não dos outros livros. Eles usarão, portanto, sua autoridade intelectual para impedir o reconhecimento de um novo valor. E acontecerá agora, como aconteceu na Inglaterra do século XIX, que quase todos os valores só poderão ser encontrados

fora das universidades.

Aquêles que se opõem à liberdade, tanto no terreno político como no terreno intelectual, são homens dominados pela apreensão das consequências malignas que podem resultar de paixões humanas desenfreadas. Não direi que esses perigos não existam. Porém, eu pediria às pessoas timoratas que se lembrassem de que a segurança é impossível de ser atingida, e é ignóbil como um objetivo. Devemos correr riscos, e aqueles que se recusam a correr riscos, cedo ou tarde, defrontam um desastre muito maior.

É muito bonito procurar sofrer as paixões humanas, mas você não pode sofrer as paixões daqueles que se fazem de freio. Pela imaginação, naturalmente, você vê a si mesmo nessa posição, e sabe que você é uma pessoa de exemplar virtude. Isso, caro leitor, eu não discutirei. Mas você não é imortal. Outros o sucederão no departamento de censura e eles talvez sejam menos humanos e menos esclarecidos do que você. Eles podem erguer diques cada vez mais altos contra a inundação das novas idéias, mas, por mais ferozmente que os levantem, seus diques se mostrarão por fim inadequados e, quanto mais alto o tenham levantado, mais terrível será a inundação quando as águas ultrapassá-los.

Não é por tais métodos que a violência subversiva deve ser impedida. Os perigos que amedrontam os autoritários são reais, mas nenhum método de combatê-los é mais eficaz do que a liberdade.

A essência do ponto de vista liberal talvez possa ser resumida em um novo decálogo, não com o intento de substituir o velho, mas apenas com o de suplementá-lo. Os Dez Mandamentos que, como professor, eu promulgaria, podem ser colocados da seguinte maneira:

- 1) Não se considere absolutamente certo de coisa alguma.
- 2) Não pense que seja eficaz convencer escondendo as coisas evidentes, porque as coisas evidentes sempre se revelam.
- 3) Nunca tente desencorajar o pensamento, por estar certo de consegul-lo.
- 4) Ao encontrar oposição, mesmo que seja de seu cônjuge ou de seus filhos, procure vencê-la pela argumentação, e não pela autoridade, porque a vitória que depende da autoridade é irreal e ilusória.
- 5) Não respeite a autoridade alheia, porque há sempre outras autoridades a ser encontradas.
- 6) Não use a força afim de eliminar opiniões que julgar nocivas, porque, se o fizer, as opiniões o eliminarão.
- 7) Não tenha receio de ser diferente em opiniões, porque todas as opiniões aceitas hoje já foram diferentes.
- 8) Fique mais satisfeito com uma discussão inteligente do que com uma aprovação passiva, porque se você sabe dar valor à inteligência, a primeira implica uma vitória mais profunda do que a outra.
- 9) Seja escrupulosamente verdadeiro, mesmo quando a verdade for inconveniente, porque ela é ainda mais inconveniente quando você procura escondê-la.
- 10) Não inveje a felicidade dos que vivem insensatamente, porque só um tolo pode pensar que isso é felicidade.

Carta ao Presidente

Doutor Getúlio —

Anda aflito o nosso amigo comum dr. Capanema; e a esta hora já deve ter batido à sua porta para pedir conselho que o tire do apêreito em que o deixou, na Câmara, a leitura daquele ofício do coronel Francisco Rosa, diretor da Divisão de Ordem Política e Social, ao general Felicissimo, presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo. Não resisto à tentação de transcrevê-lo:

"Solicitei amigavelmente transferência Congresso do Petróleo para agosto, apelando patriotismo, hospitalidade brasileira, pois poderá parecer acinte às autoridades do governo bem como ilustre hóspede. Não sendo atendido, Congresso será proibido mês de julho". O português, doutor, é máu; pior, enfretanto, é o que está escondido dentro, para usar a linguagem do Cântico dos Cânticos.

O ilustre hóspede, já se vê, é o sr. Dean Acheson, secretário do Departamento de Estado norte-americano. Isso o coronel nem se dá ao trabalho de dizer; mas como não temos outro hóspede ilustre em perspectiva, só pode ser esse.

Mas o que haverá de acintoso para o sr. Dean Acheson em se fazer um Congresso de Petróleo no Brasil por ocasião de sua visita? Que têm ele a ver com isso? O senhor, doutor Getúlio, tem se esbaldado em dizer, e repetir, que não tem nada; que esse projeto da "Petrobrás" é nacionalista cem por cento, e que não precisamos do estrangeiro para coisa alguma. Se é assim, por que cargas d'água vem a polícia proibir que se discuta sequer a questão do petróleo durante a estada do sr. Acheson? Parece que não se trata de falar mal da "Petrobrás", mas de um filho do sr. Acheson, um filho queridinho.

Afinal de contas, o sr. Acheson deve saber que nós, os brasileiros, estamos discutindo a nossa política do petróleo. Discute-a o Congresso, a toque de caixa, sob o agulhão do líder, que a todo custo quer ver o projeto aprovado, e já. Discute-a a imprensa, discute-a quem quiser, no bofiquim, na rua, no quartel, pois neste regime em que estamos é normal, e desejável, que um assunto de importância nacional seja discutido por qualquer cidadão. Mas aí vem o sr. Acheson — e pronto! O senhor manda o dr. Capanema acabar com a discussão na Câmara; e sua Polícia manda "amigavelmente" que cesse a discussão aqui fora. Vamos ficar todos quietinhos, para não molestar o sr. Acheson. O coronel escreve ao general: caluda! E, a menos que desejemos entrar no chafalho, nós todos, paisanos, militares, cidadãos desta República de Opereta, ficamos proibidos de sussurrar a palavra "petróleo" — para não aborrecer o sr. Acheson!

Doutor Getúlio — Quem poderia dizer, durante a sua campanha eleitoral, que dentro de tão pouco tempo iríamos descer a tanto! Será predoço que eu lhe lembre agora que neste país não existe apenas uma força — o sr. Acheson — que existe também essa vasta coisa flutuante, às vezes errada, mas certa no seu instinto e sagrada na sua natureza, que se chama opinião pública; e que, paisanos ou fardados, nós todos, que somos uma parcela dessa opinião, não gostaremos de chegar à ignominia suprema de silenciar sobre um problema de máximo interesse para nosso povo e nosso futuro — por cortesia ao sr. Acheson?

Uma vez o senhor disse que os "trustes" o haviam derrubado do poder. Cuide-se, doutor: o que não foi verdade, pode vir a ser; esse temor religioso aos "trustes", essa obediência que passa os limites da subserviência — isso pode lançar os seus burros n'agua. Não adianta punir o sr. Francisco Rosa; ele foi apenas o "enfant terrible" que veio para a sala dizer o que os pais sentem, mas não dizem. Ele foi apenas a voz do inconsciente de um governo que está perdendo, dia a dia, a própria consciência. Pense nos cidadãos que votaram no candidato "anti-trust" e nos militares que lhe garantiram a posse: de que lado eles ficarão agora? Pense, doutor; mas pense depressa, porque o sr. Acheson está vindo aí e na frente dele é falta de educação pensar.

Amigavelmente (como diz o coronel Rosa) cumprimenta-o

RUBEM BRAGA

DIARIAMENTE
EM TODAS AS BANCAS



UM VESPERTINO COMPLETO PARA A
DEFESA DOS INTERESSES DO POVO
BRASILEIRO

PÁGINA 30 ☆ COMÍCIO ☆ RIO, 4-7-1952